



Vol. 26, nº 1 (2024)

**QUEM TEM MEDO DO CORPO PRETO? UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS
SOBRE O CORPO PRETO EM *O AVESSO DA PELE*, DE JEFERSON TENÓRIO**

**WHO IS AFRAID OF THE BLACK BODY? AN ANALYSIS OF THE
DISCOURSES ABOUT THE BLACK BODY IN *O AVESSO DA PELE*, BY
JEFERSON TENÓRIO**

Francisco Welison Fontenele de Abreu¹

Recebimento do Texto: 15/05/2024

Data de Aceite: 10/06/2024

Resumo: A literatura contemporânea pode ser um espaço que aborda ficcionalidades que narram temas que foram silenciados por estruturas de poder. Quando em *O avesso da pele* o autor Jeferson Tenório escreve sobre como essas estruturas de poder agem na narrativa dos personagens, acontecem reflexões acerca da obra. Dito isso, propomos nessa pesquisa analisar de que formas os personagens de *O avesso da pele* discutem o corpo preto. Por meio de estudos bibliográficos, a análise dessa pesquisa se baseia nas contribuições de Walter Mignolo (2017), Homi Bhabha (1998), Kabengele Munanga (2009) e outros. A partir dos discursos dos personagens Bruno e da família branca de Juliana, compreendemos que o corpo preto é lido a partir de estereótipos que são fixados no colonialismo. Os ideais colonialistas passam a ser a principal estrutura de poder que fixam proposições sobre raça e gênero de pessoas pretas.

Palavras-chave: Estereótipo. Pós-colonialismo. Gênero; Racismo. O avesso da pele.

Abstract: Contemporary literature can be a space that addresses functionalities that narrate themes that have been silenced by power structures. In *A vesso da pele* the author Jeferson Tenório writes about how these power structures act in the characters' narrative. Thus, reflections about the narrative appear. So, we propose in this research to analyze how the characters in *A vesso da pele* discuss the black body. Through bibliographic studies, the analysis of this paper is based on the contributions of Walter Mignolo (2017), Homi Bhabha (1998), Kabengele Munanga (2009) and others. From the speeches of the characters Bruno and Juliana's white family, we understand that the black body is read based on stereotypes that are fixed in colonialism. Colonialist ideals become the main power structure that establishes propositions about the race and gender of black people.

Key words: Stereotype. Postcolonialism. Gender. Racism. O avesso da pele.

¹Doutorando em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí e Graduado em Letras Inglês pela Universidade Estadual do Piauí. E-mail: welisonphbw@hotmail.com



Considerações iniciais

“Olhe, um preto!” Era um stimulus externo, me futucando quando eu passava. Eu esboçava um sorriso. “Olhe, um preto!” É verdade, eu me divertia. “Olhe, um preto!” O círculo fechava-se pouco a pouco. Eu me divertia abertamente. “Mamãe, olhe o preto, estou com medo!” Medo! Medo! E começavam a me temer. Quis gargalhar até sufocar, mas isso tornou-se impossível.”

(Fanon, 2008. p. 105)

Podemos apontar que um dos momentos mais críticos contra a democracia ocorre quando a liberdade de expressão de um povo é vigiada e condicionada. De tempos em tempos, isso acontece por meio de instituições ou pessoas que promovem ideias neoliberais. Para vigiar, condicionar e implantar essas ideologias, uma das atitudes tomadas é a censura de materiais que possam, de alguma forma, levar a sociedade a pensar de forma democrática, inclusiva e tolerante.

De acordo com Emily Santos (2024), em publicações para o jornal eletrônico G1 e o UOL Educação, a obra contemporânea *O Avesso da Pele*, de Jeferson Tenório (2020), foi recolhida e censurada em escolas públicas de três estados brasileiros: Mato Grosso do Sul, Goiás e Paraná. Segundo os sites mencionados, os responsáveis pela censura (uma diretora de escola e as secretarias de educação desses estados) alegam que a obra literária aborda conteúdos impróprios e utiliza palavras de baixo calão.

A obra em questão narra a história de Pedro e de seus pais. Seria uma história comum se não tratassem de pessoas pretas. Sendo um narrador autodiegético, Pedro compartilha as memórias de seus pais, que por meio de uma narrativa em analepse são apresentados para a audiência. Na narrativa está presente a violência que pessoas pretas vivenciam em diversos ambientes, sejam eles no trabalho, na rua, em casa ou na família. Além disso, discute questões de gênero que atravessam questões raciais, fazendo um paralelo com as vivências de homens pretos e mulheres pretas.

Estamos vivendo uma era em que indivíduos que vivem ou viveram à margem da sociedade ganham espaço para narrar suas vivências. Contudo, a literatura negro-brasileira nem sempre foi assim. Segundo o escritor Cuti (2010), as pessoas pretas apareciam nas



narrativas sem muito enredo ou complexidade e eram frequentemente retratadas de forma estereotipada. Cuti aponta que os escritores brasileiros baseavam-se em escritos europeus do início da colonização. O autor mencionado ressalta que foi apenas a partir da segunda metade do século XIX que a literatura começou a intensificar a discussão sobre questões relacionadas à raça.

Para a pesquisadora de literatura Regina Dalcastagné (2012), a literatura brasileira contemporânea está vivendo um momento em que os autores, narrativas e personagens que foram apagados estão conquistando territórios. Se antes a literatura brasileira tinha personagens estereotipados e narrativas que representam a classe dominante, começa-se então uma era onde está sendo permitido um novo olhar para esse público que são postos à margem da sociedade, aponta a pesquisadora.

Dessa maneira, Jefferson Tenório (2020) traz em *O avesso da pele* uma narrativa que expõe e denuncia os discursos racistas que pessoas pretas vivenciam. Abrindo espaço para que pessoas pretas narrem suas histórias, frequentemente apagadas pelos valores tradicionais, e privilegiando os corpos que foram e ainda são explorados e violentados socialmente. Além disso, proporciona um campo de discussão ao explorar temáticas que ainda são pouco discutidas.

Feita a leitura da obra, percebemos que os discursos feitos pelos personagens presentes podem ser analisados a partir de uma perspectiva pós estruturalista que reflete acerca de temas que circundam a obra. Assim, pluralizando ideias que defendem discursos antiracistas. Dito isso, esta pesquisa tem como objetivo analisar de que formas os personagens de *O avesso da pele*, de Jefferson Tenório, discutem o corpo preto. Por meio de estudos bibliográficos, a análise se baseia nas contribuições de Walter Mignolo (2017), Homi Bhabha (1998), Kabengele Munanga (2009), Benjamin Abdala Júnior (2013), Frantz Fanon (2008) e Bell Hooks (2019).

A padronização do imaginário sobre pessoas pretas

A literatura abre espaços para dialogarmos acerca de muitos assuntos que circulam as obras literárias. E é por meio de estudos teóricos que buscamos compreender aspectos estéticos e culturais dos textos literários. Em *O avesso da pele*, o recorte cultural que



propomos para a análise está conectado com as agressões discursivas que são apresentadas a partir da cor da pele dos personagens da obra.

A obra apresenta três personagens principais: Pedro que narra sua história e a dos seus pais, Henrique e Martha. A narrativa parte das memórias de infância de Henrique, abordando sua trajetória como homem negro, os percalços e as violências até a separação de Martha. Por sua vez, a história de Martha se inicia desde a perda dos pais, ainda na infância, até a vida adulta de Pedro. Nas cenas dela, é evidenciado as subalternidades que mulheres pretas estão sujeitas por viverem em uma sociedade machista e racista. São nesses ambientes que Tenório apresenta discursos que esses personagens estão sujeitos e que pretendemos analisar.

Para compreendermos os discursos que apresentaremos para análise, é importante colocarmos em cena como se deu o imaginário cultural para com as pessoas pretas. Segundo o professor de literatura Walter Mignolo (2017), o ponto de partida para entendermos este imaginário surge a partir da colonização Europeia, onde os homens brancos europeus invadiram e implantaram a cultura deles em povos que eles denominaram de inferiores.

Para Mignolo (2017) a colonização foi um processo de apagamento de experiências, memórias e ideias de povos que foram controlados a partir de um poder ideológico. Desse modo, podemos apontar que os povos pretos foram colonizados por serem considerados inferiores por sua cultura, língua, cor da pele e ideias. Assim, tiveram sua cultura usurpada em nome de povos (homem branco europeu) que acreditavam possuir o poder sobre eles.

Esse poder é explicado pelo teórico Homi Bhabha (1998) quando ele reflete sobre o discurso do colonialismo. Bhabha (2013) escreve que a identidade estereotipada do colonizador fixa a ele o poder de construção do sujeito colonizador e sujeito colonizado. O teórico ainda complementa que o corpo do colonizado está inserido em espaços que marcam o discurso de dominação e poder sobre ele.

Bhabha (2013), ainda, propõe pensarmos que as características raciais e sexuais estão ligadas a pensamentos discriminatórios, como destacamos a seguir

Os epítetos raciais ou sexuais passam a ser vistos como modos de diferenciação, percebidos como determinações múltiplas, entrecruzadas, polimorfas e perversas, sempre exigindo um cálculo específico e estratégico de seus efeitos. Tal e,



segundo creio, o momento do discurso colonial. É uma forma de discurso crucial para a ligação de uma série de diferenças e discriminações que embasam as práticas discursivas e políticas da hierarquização racial e cultural. (Bhabha, 2013, p.107)

Desse modo, o teórico acredita que o discurso do colonizador se baseia na hierarquização racial e cultural devido às características onde o colonizador se sente superior para com o colonizado. Acreditamos que esta superioridade está maquiada de discursos racistas e preconceituosos. Muitas das vezes, o colonizador conecta estes discursos a benfeitorias como forma de “beneficiar” o sujeito colonizado.

Em *O Averso da Pele* (2020), Henrique, pai do protagonista, está em busca de emprego, e Bruno, um homem branco e dono de uma empresa, manifesta seu pensamento sobre pessoas pretas. Destacamos o seguinte trecho:

Bruno disse, com muita naturalidade, que não gostava de negros. Você levantou os olhos. Bruno não se intimidou e repetiu a frase: não gosto de negros. Talvez ele esperasse alguma reação sua. Mas nada aconteceu. Você permaneceu imóvel. [...] Bruno seguiu com a entrevista, disse que ia te dar uma chance, porque achava que podia te salvar das drogas, mesmo que você nunca tivesse experimentado drogas. Ele também queria te salvar das armas e da violência. Bruno ainda acreditava que, se todo empresário fizesse sua parte, o Brasil já teria tomado jeito. (Tenório, 2020, p. 17-18)

A cena relata a forma como Henrique foi lido a partir da cor de sua pele. Por se tratar de um homem preto, Bruno interligou características de um imaginário social violento. Acreditamos que a violência é conectada com os povos pretos devido ao estereótipo que é conectado com povos que foram colonizados. Já que os colonizadores (pessoas brancas) acreditavam que os colonizados eram inferiores, selvagens que precisavam ser “educados” e civilizados.

De acordo com Bhabha (2013), esse e outros estereótipos que os colonizadores utilizam são discursos que apresentam justificativas para as atitudes deles para com o colonizado. Assim, quando o narrador utiliza, no trecho destacado acima, a palavra “naturalidade” ou a frase “talvez ele esperasse alguma reação sua” existe uma quebra do que o Bruno esperava de uma pessoa preta. Além disso, o vocábulo “naturalidade” é utilizado para intensificar que é comum não gostar de pessoas pretas. E não satisfeito com a reação do homem preto, Bruno repete a frase para que não haja dúvida a respeito do seu discurso racista.



A naturalidade no discurso de Bruno é percebida por ele como algo normal. Mesmo ao declarar que não gostava de pessoas negras, ele prossegue com a entrevista de emprego sem demonstrar preocupação em desrespeitar alguém ou cometer um crime. Esses discursos de superioridade racial também são analisados pelo antropólogo afro-brasileiro Kabengele Munanga (2009), quando discute os discursos pseudo-justificativos em sua pesquisa sobre a negritude. Munanga destaca que o discurso de superioridade em relação ao povo negro está presente desde o período colonial no Brasil. Ele aponta que as diferenças observadas pelo colonizador em relação ao colonizado foram interpretadas como sinais de inferioridade.

Desse modo, Bruno tem o pensamento enraizado que pessoas negras já estão acostumadas a serem subalternizadas e que pensamentos como os dele são naturais. Além disso, ele acredita que está em uma posição econômica e social superior à de Henrique, visto que ele não vê problema em julgar a pessoa à sua frente por meio da cor da sua pele. Assim, naturalizando pensamentos não só racistas, mas colonizadores que se enraizaram em uma sociedade que normatizou o pensamento superioridade/branco e inferioridade/preto.

Outro aspecto a ser ressaltado no trecho destacado, é que pessoas brancas, que estão de alguma forma em uma posição econômica/social superiores, acharem que vão realizar a salvação de uma pessoa negra ao darem uma chance para realizar algum tipo de atividade lucrativa. Esse contexto de salvação pode ser compreendido a partir da frase do trecho “disse que ia te dar uma chance, porque achava que podia te salvar das drogas, mesmo que você nunca tivesse experimentado drogas. Ele também queria te salvar das armas e da violência” (Tenório, 2020, p.17-18).

Partindo do imaginário social estereotipado de que toda pessoa negra usa drogas ou faz parte de alguma facção criminosa, Bruno acredita estar salvando Henrique de um destino já traçado para pessoas negras. Esse é mais um estereótipo associado às pessoas negras devido à marginalização resultante do processo colonizador. Entendemos que esse estereótipo de marginalização pode ser explicado a partir das ideias de Munanga (2009), que discute como a sociedade colonial estava conectada a questões econômicas. Segundo ele, o homem branco, por se sentir superior às pessoas de pele mais escura, ocupava



funções voltadas à política e à administração, enquanto as pessoas pretas ocupavam cargos considerados inferiores.

Posto isso, consideramos que o discurso apresentado por Bruno reitera os estereótipos a pessoas pretas quanto às questões que estão enraizadas a partir da colonização de pessoas negras. Questões essas que difundem a ideia de que superioridade/inferioridade são baseados nas posições econômica/social. Além disso, ao cogitar contratar Henrique, Bruno acredita que estaria fazendo uma salvação de uma pessoa preta, visto o estereótipo de que todo negro precisa ser salvo, ou melhor, colonizado para virar uma pessoa “direita” “certa” ou que siga os ideais imposto pela branquitude.

Questões relacionadas ao estereótipo estão vinculados a experiências de pessoas pretas visto que eles estão impregnados na sociedade e circulam de forma “natural”. Na obra de Jefferson Tenorio, o corpo preto é alvo de falas estereotipadas de diversas formas. Destacamos neste momento a cena em que Pedro percebe os estereótipos que seu pai enfrentou ao namorar uma mulher branca:

Acontece que, em pouco tempo, você não só passou a ser o negão da família, como também passou a ser uma espécie de para-raios de todas as imagens estereotipadas sobre os negros: pois disseram que você era mais resistente à dor, disseram que a pele negra custa a envelhecer, que você deveria saber sambar, que deveria gostar de pagode, que devia jogar bem futebol, que os negros são bons no atletismo. Você não corre? Que os negros são ruins como nadadores, já viu algum negro ganhar medalha olímpica na natação? Agora, olhem lá nas corridas. Vocês ganham tudo. É porque desde cedo aprendem a correr dos leões na África, não vê como aqueles quenianos sempre ganham a São Silvestre? Enquanto isso, a Juliana, por sua vez, era bombardeada pelas primas e amigas que nunca tiveram um namorado negro: e então, como ele é? Tem pegada mesmo, como dizem dos negros? E o pau dele? É grande? É verdade que eles são insaciáveis? Qual o cheiro dele? Juliana ficava incomodada mesmo querendo parecer natural. Não queria falar sobre aquilo, não daquela forma. Em poucos meses vocês perceberam que a cor da pele era algo importante e que não poderia mais ser ignorado no relacionamento de vocês. (Tenório, 2021, p.24)

No trecho acima, observamos os primeiros contatos que Henrique tem com a família de Juliana. A narrativa apresenta situações, comentários e perguntas que os personagens enfrentaram ao estarem em um relacionamento interracial. Para Henrique são feitos comentários acerca de suas habilidades esportivas por conta de seu corpo e para Juliana são feitas perguntas sobre o corpo preto de Henrique acerca da sua potência sexual. Neste primeiro momento da análise do trecho, foquemos nos discursos feitos diretamente para Henrique.



Na primeira parte do trecho destacado o narrador se concentra nos comentários e perguntas para Henrique. Elas são feitas por agentes no plural, ou seja, eram realizadas por todos os membros da família da sua namorada. Pedro nos narra que Henrique era visto como “o negão da família”, isto é, colocado como o outro/o diferente. Além disso, seguiam comentários estereotipados sobre a pele negra. Mas o que são estereótipos quando dialogamos sobre questões raciais que envolvem a pele negra?

O crítico literário Benjamin Abdala Júnior (2013) em seu artigo "Fluxos culturais assimétricos e reflexões comunitárias" vai na raiz do significado deste vocábulo quando discute hábitos culturais que foram propagados pela hegemonia de lugares que possuíam o poder. Segundo Abdala Júnior (2013) no momento que esses lugares tiveram acesso a espaços que divergiam culturalmente da hegemonia padrão, foi na colonização o processo encontrado por eles para enraizar esses hábitos hegemônicos.

Abdala Júnior (2023) propõe pensarmos que esses hábitos hegemônicos de poder criam e disseminam repertórios acerca de um povo. Com outras palavras, o estereótipo pode ser compreendido, a partir do discurso sobre colonialidade, como características ou hábitos de um povo subalternizado por outro povo que detém o poder sobre ele.

Por sua vez, Bhabha (2013, p.105) explica que o estereótipo é a “principal estratégia discursiva, é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre “no lugar”, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido”. Bhabha, ainda, aponta que esse discurso individualiza, marginaliza os colonizados e se baseia em ideias normativas. Dessa forma, Bhabha propõe pensarmos que o discurso colonial subalterniza o colonizado a partir dessa estratégia discursiva que é o estereótipo, e assim, propagando representações fundamentadas na hegemonia dominante.

Retomando a cena que Henrique é colocado como piada a partir dos estereótipos proferidos a ele. Observamos que esses estereótipos estão conectados a resistência que o corpo preto tem devido a herança histórica que o povo preto sofreu ao ser colonizado. Apontamos que a ideia de que o corpo preto é resistente a dor provém da colonização, escravidão, ideologias dominantes e apagamento da cultura negra. Além disso, quando os agentes desse discurso interligam o corpo preto de Henrique a esportes que precisam correr, eles propagam estereótipos de criminalização a indivíduos negros.



O estereótipo de que pessoas pretas são selvagens, também, está no discurso proferido pelos agentes dessas falas, quando eles fazem a “piada” do motivo do porquê que pessoas pretas sabem correr: “É porque desde cedo aprendem a correr dos leões na África, não vê como aqueles quenianos sempre ganham a São Silvestre?” (Tenório, 2021. p.24) Este estereótipo promove um discurso onde pessoas pretas são selvagens devido suas ancestralidades. O continente Africano é conhecido por ser habitat de animais selvagens, de ser o lugar onde o homem branco mais implantou suas idealizações e explorou os indivíduos que viveram nesse espaço. Idealizações essas que carregam o discurso hegemônico de poder para poder apagar a cultura negra.

Na mesma cena destacada acima, os familiares de Juliana tecem perguntas sobre questões que envolvem o corpo preto e o sexo. O estereótipo do órgão genital masculino grande e de potência sexual do corpo negro são destacados por mulheres brancas. Podemos compreender essa visão sexualizada do corpo preto a partir dos pensamentos de Frantz Fanon (2008) na sua famosa obra *Pele negra máscaras brancas* no capítulo intitulado de “O preto e a psicopatologia”.

Fanon (2008) explica que o imaginário que homens pretos tem uma certa predisposição para ter o pênis avantajado ou ter uma performance sexual estão conectados com questões biológicas, mas também questões culturais. Essa relação é feita a partir do imaginário que homens pretos se reproduzem rapidamente, assim, tendo muitos filhos, aponta Fanon (2008). Com relação ao pênis, Fanon propõe pensar no pênis como uma marca de virilidade, excluindo o intelecto do corpo preto e fixando bases sexuais.

Dessa forma, compreendemos que as perguntas feitas para uma mulher branca (Juliana) com relação ao homem preto (Henrique) estão estereotipadas com relação ao imaginário que se construiu em cima do corpo preto. Excluindo aspectos intelectuais e sobressaindo os aspectos sexuais e viris desse corpo. Aspectos esses acentuados de preconceitos como mostra Fanon (2008, p. 144) em uma pesquisa que associava o corpo preto a uma palavra: “Preto = biológico, sexo, forte, esportista, potente, boxeador, Joe Louis, Jess Owen, soldados senegaleses, selvagem, animal, diabo, pecado.”

Assim, o relacionamento de Juliana e Henrique foi muitas vezes vinculado a questões raciais, não por eles, mas pelo círculo social em que eles participavam. E ao entrarem em contato com esses estereótipos e discursos, que a princípio eram lidos como



curiosidade, estas questões começaram a provocar pautas e discussões sobre negritude dentro da obra. Feitas considerações sobre o corpo do homem preto, propomos nos próximos parágrafos leituras acerca do corpo da mulher preta.

O corpo do homem preto tem o maior foco da obra de Jeferson Tenório, visto que ela pe narrada por um homem. Entretanto, o narrador não deixa de expor algumas vivências que a mãe de Pedro, mulher preta, sofreu. Aludimos a seguinte cena da obra:

Minha mãe estava com treze anos quando escutou um homem que tinha idade para ser seu avô dizer que ela era uma mulatinha muito gostosa. E, ao ouvir aquilo, minha mãe se assustou, porque jamais tinha sido chamada assim. Achou nojento, nunca tinha pensado que seu corpo e sua pele pudessem atrair a atenção dos homens daquela forma. E, assim, ela ganhava outro adjetivo que carregaria pelo resto da vida: “mulatinha”. E nessa época ela percebeu que seus seios ganharam massa, suas pernas e bunda também, como se uma espécie de fermento fizesse seu corpo crescer alheio a sua vontade, e minha mãe não sabia muito bem o que fazer. Então, ela passou a se cobrir do jeito que podia. Imitava Madalena, ao usar maiô. Tinha vergonha de que outro velho ou mesmo um menino dissesse algo a respeito do seu corpo. (Tenório, 2021, p.45)

No trecho selecionado, Martha, mãe de Pedro, ainda era criança quando começou a perceber que sua cor preta tinha significados para além de uma cor. A narrativa não abre espaço para a própria personagem narrar os fatos ocorridos com ela, ao utilizar essa estratégia, temos a visão do narrador, Pedro, para com os fatos. É importante ressaltar, também, que a narrativa possui um parágrafo para cada capítulo e sem entradas de travessão ou aspas para apresentar as vozes dos personagens. Dessa forma, as memórias de Martha são relatadas por meio de Pedro.

O corpo preto de Martha passa a ser objeto de desejo de homens mais velhos, mas ela não entende como a cor da pele de alguém atraía tanta atenção. Propomos pensar no corpo da mulher preta como no esquema branco/casamento/procriação e preto/sexo/estupro. Quando esse homem mais velho visualiza o corpo de Martha, o imaginário cultural que foi formado em cima da mulher preta é a sexualização desse corpo. Corpos esses que foram durante anos agredidos sexualmente por colonizadores.

Em *Não sou eu uma mulher?* a teórica Bell Hooks (2019) aborda como se constituiu a sexualização do corpo da mulher preta a partir da colonização. Para Hooks (2019) o patriarcado e o racismo foram peças basilares para o desenvolvimento do pensamento para com as mulheres pretas. Hooks explica que a exploração do corpo delas começava muito cedo, a partir dos treze anos de idade e elas tinham pouco conhecimento



do seu corpo. Outro ponto levantado por Hooks é que o colonizador utilizava seu poder para práticas sexuais abusivas com essas mulheres, alegando tratar-se meramente de questões inerentes ao desejo.

Dessa forma, conduzimos o pensamento que a situação que Martha é coagida por um homem na infância espelha o discurso que mesmo na contemporaneidade os resquícios do patriarcado, sexismo e violência sexual do corpo feminino ainda acontece. O corpo de Martha foi lido como objeto de prazer e desejo. Essas leituras sobre o corpo, não ficam restritas apenas para a mulher preta, contudo o corpo da mulher branca foi ressignificado pelo homem a partir do século XIX como uma mulher virtuosa e valorizada pela sociedade, aponta Hooks (2019). A autora supracitada escreve que com essa mudança ideológica a mulher preta passou a carregar os estereótipos de mulher desvirtuosa, prostituta, sedutora sexual e mundana, além de destacar que:

“O racismo foi sem expediente a única causa dos muito cruéis atos sádicos de violência perpetrados pelos homens brancos sobre as mulheres negras escravizadas. O ódio profundo das mulheres que estava enterrado na mente dos colonizadores brancos pela ideologia patriarcal e os ensinamentos religiosos anti-mulher, motivaram e aprovaram a brutalidade masculina branca contra as mulheres negras.” (Hooks, 2019. p.38)

De uma outra forma, as mulheres negras carregam esses estigmas que são perpetuados por questões que estão conectadas com a colonização e como o homem branco lidava com elas. O poder e o sentimento de superioridade, como já foi posto na pesquisa, dos homens brancos colonizadores difundiram e enraizaram esses discursos racistas. Martha foi apenas mais uma vítima dessa violência que se estabeleceu durante anos de exploração e apagamento da mulher preta.

Após a violência descrita na cena analisada, Martha percebe que seu corpo preto é o alvo desses comentários hostis, e assim, observa o que outra mulher faz para cobri-lo. “Então, ela passou a se cobrir do jeito que podia. Imitava Madalena, ao usar maiô. Tinha vergonha de que outro velho ou mesmo um menino dissesse algo a respeito do seu corpo” (Tenório, 2021, p.45). Martha passou não a ter vergonha do seu corpo, mas medo do que poderia acontecer se caso ele ficasse a mostra demais.

Essa questão que levantamos sobre o corpo da mulher preta vai além de questões raciais, mas também um debate sobre questões de gênero. Hooks (2019) não exclui a mulher branca em seus estudos, mas critica o início do movimento feminista que fechava



os olhos para mulheres pretas. Essa posição de Hooks nos faz compreender a cena destacada e outras falas de Martha como: “O movimento negro nunca fez nada por mim. O movimento negro acha que tudo se resume à cor da pele. Se esquecem que ser um homem negro é muito diferente de ser uma mulher negra.” (Tenorio, 2021. p. 64) e “Além disso, eu queria saber onde o movimento negro estava quando me assediavam na praia quando eu tinha treze anos.” (Tenório, 2021. p. 65)

Ideias que difundem o pensamento que a mulher preta é mais gostosa, tem mais força de trabalho, são analfabetas e outros, transmitem e reiteram discursos de cunho colonizador e sexista. Além disso, não refletir sobre como o racismo atinge as mulheres pretas as colocam em um espaço de apagamento e a margem da sociedade cada vez mais. Tenório busca no romance dar espaços, mesmo que de forma indireta, a uma narrativa que não exclui os problemas enfrentados por uma mulher preta.

Considerações finais

A obra de Jeferson Tenório trouxe comoção por motivos errados, mas fez com que a obra fosse um espaço de discussão de temas que estão presentes na esfera social e que são empurrados para as margens. Tratar de questões raciais e de gênero, ainda, traz certa resistência por aqueles indivíduos e instituições que detêm o poder. Este poder privilegia pessoas brancas de classe social alta e enraíza discursos que inferiorizam raças e classes que são diferentes.

Essa pesquisa visou analisar os discursos que reproduzem essas manifestações de poder para com pessoas pretas por meio de personagens da obra *O avesso da pele* de Jeferson Tenório. À luz de teorias pós estruturalistas e pensamentos decoloniais, trouxemos ideias para compreendermos esses discursos que apontamos como racistas e sexistas.

As cenas destacadas mostram como os personagens Bruno e a família de Juliana, personagens brancos, inferiorizam Henrique por meio dos discursos deles. Essa inferiorização é feita por meio da cor da pele de Henrique, que por possuir a pele preta configura o imaginário racista para o discurso deles. Assim, apresentando ideias que foram



consolidadas no período colonial e estão sendo disseminadas até hoje. As ideias que apontamos na narrativa envolvem a performance sexual de Henrique, esportes de corrida, idealizar que toda pessoa preta está envolvida com drogas ou tráfico e que o futuro de um homem preto é a violência. Esses preconceitos aparecem em forma de discurso como piada ou como curiosidade do corpo preto.

Apontamos, também, como esse discurso racista chega nas mulheres pretas. A partir de uma cena da infância de Martha onde ela sofre assédio sexual, observamos que as questões de raça se entrelaçam com questões de gênero e propagam o discurso de sexualização do corpo da mulher preta. Discurso esse que, também, tem raiz no colonialismo e nos ideais de sociais de poder. Assim, inferiorizando o gênero e a raça de pessoas que se identificam como mulher preta.

O corpo de uma pessoa preta transporta na pele não só história, mas cicatrizes de um povo que é massacrado diariamente por estereótipos que foram acentuados durante anos de trajetória do povo preto. A colonização desencadeou e reproduziu alguns estereótipos, os quais mostramos nesta pesquisa por meio de *O avesso da pele*, que ainda hoje são maquiados de opiniões. Contudo, são discursos que estão impregnados de ódio e violência com pessoas pretas.

Referências

ABDALA JUNIOR, B. Fluxos culturais assimétricos e reflexões comunitárias. In: Pinto, A. J. A.; Abdala Junior, B.; Silva, A. R.. (Org.). **Esse entre-lugar da literatura: concepção estética e fronteiras**. 1ed. São Paulo: Arte e Ciência, 2013, v. 1, p. 11-25.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, R. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. 1.ed. Rio de Janeiro, Vinhedo: Editora da UERJ, Horizonte, 2012. v. 1. 208p.

FANON, Frantz; SILVEIRA, Renato da Trad. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

Hooks, Bell. **Eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.d



Vol. 26, nº 1 (2024)

MIGNOLO, Walter. **Desafios decoloniais hoje.** *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 12-32, 23 maio 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude – usos e sentidos.** 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SANTOS, Emily. **O Averso da Pele: livro que debate racismo é censurado em escolas de 3 estados por reação equivocada ao conteúdo, alertam especialistas.** *GI*. Brasil. 08 mar. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/03/08/o-avesso-da-pele-livro-que-debate-racismo-e-censurado-em-escolas-de-3-estados-por-reacao-equivocada-ao-conteudo-alertam-especialistas.ghtml>. Acesso em: 06 jun. 2024.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele.** 1ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Uol Educação. **Recolhido em 3 estados, 'O Averso da Pele' tem aumento de 1400% nas vendas.** *Uol*. São Paulo. 08 mar. 2024. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2024/03/08/o-avesso-da-pele-jeferson-tenorio-recolhimentos-aumento-400-vendas-amazon.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 06 jun. 2024.